

Mulheres organizadas incentivam comunidades rurais no cuidado com as sementes

A proposta de criar um banco de sementes na Associação Desenvolvimento de Pequenos Produtores Rurais surgiu a partir de mulheres que se organizam há mais de 15 anos na comunidade.

No município de São José do Egito, na comunidade do Açude da Porta, mulheres organizadas lutam pelo direito de plantar sementes crioulas e não depender do mercado. “É importante você estar preparada com a semente em casa para ter o que plantar quando chegar as chuvas”, conta Josefa Damiana, conhecida como Zefinha, que há 12 anos compõe o Grupo de Mulheres Renascer.



Elza Maria, Josefa Damiana, Cleunice Leite e Milena Andrade, integrantes do Grupo de Mulheres Renascer.

Em 2013, o Grupo de Mulheres conquistou o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), uma das ações do Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semiárido da ASA. O objetivo do programa é fomentar a construção de processos participativos de desenvolvimento rural no Semiárido brasileiro e promover a soberania, a segurança alimentar e nutricional e a geração de emprego e renda às famílias agricultoras, através do acesso e manejo sustentáveis da terra e da água para produção de alimentos. O grupo recebeu equipamentos para começar a Casa de Sementes, como balança, dois tambores, prateleiras e uma estante, e também a assessoria técnica da Casa da Mulher do Nordeste. Mas o sonho dessas mulheres era maior, queriam dividir com outras companheiras e com a comunidade as sementes e o trabalho de guardiãs.

A proposta das mulheres foi oferecer à Associação Desenvolvimento de Pequenos Produtores Rurais o Banco de Sementes. Aceita pela maioria das sócias em 2014, com destaque para a presença massiva de mulheres associadas, com apenas 15 homens, do total de 60 associados e associadas. Assim, passaram a contribuir na compra de sementes crioulas - a maioria de famílias agricultoras da região. “As sementes do governo demoram a chegar, e precisávamos delas antes da chuva cair. E foi assim que demos a ideia, e as sócias aceitaram. E este ano chegou o projeto piloto do Programa Sementes para o município, e não podíamos deixar passar essa oportunidade”, disse Cleunice Leite, associada há 20 anos na Associação.

O primeiro obstáculo foi achar sementes crioulas para iniciar o banco de sementes. As mulheres chegaram a comprar sementes híbridas no mercado do município para trocar por crioulas a um agricultor, que não poderia vender por que iria dar de comer aos animais. Em tempo, conseguiram salvar algumas.

Dona Elza Maria Soares, secretária da Associação, professora aposentada e também integrante do Grupo de Mulheres, contou que no ano passado já fizeram a primeira partilha das sementes crioulas, com o milho hibra e o feijão canapú, com o acordo de devolver o dobro de sementes que adquiriu do banco, caso a colheita fosse boa, mas a falta de chuvas ainda é um grande desafio.

“É através da iniciativa das mulheres e por que tem o interesse de ampliar o sentimento de guardar as sementes, que esta comunidade fez parte do mapeamento realizado em Abril sobre os Bancos de Sementes na região. Aqui vemos um potencial de auto-organização feito por mulheres e de que pode dar certo”, disse Fabiana Oliveira, assessora técnica da Casa da Mulher do Nordeste.



Inácia Costa, Josefa Damiana e Cileide Silva animadas com o Banco de Sementes

O Programa Sementes irá beneficiar só nesta Associação, 60 pessoas em quatro comunidades: Mandi, Macambira, Riacho do Meio e Açude da Porta 1. **“Que a gente beneficie outras comunidades com a ampliação aqui do nosso banco. E também fortalecer as sementes crioulas para a região”**, disse Elza Maria Soares.

Lembranças de Guardiãs desde pequenas

Integrantes do Grupo de Mulheres Renascer contam sua relação com as sementes crioulas na infância.

“Quando era criança, meu pai guardava as sementes, mesmo fazendo milho na máquina. Ele separava algumas espigas de milho e tirava só as do meio e guardava. A mesma coisa fazia com o feijão, só as sementes boas. E muitos iam lá em casa, pedir um pouco de semente para plantar quando chegava a chuva” Elza Maria Soares

“A gente fechava os depósitos com cera, me lembro como hoje, tinha dois enormes lá em casa. Um com feijão e outro com milho. Meu pai e minha mãe cuidavam das sementes. Era tanta semente que sobrava para vender no mercado por que não cabia no depósito. Uma pena que hoje não há como guardar tanto assim por causa das chuvas que acabaram” Cleonice Leite

“Meus pais guardava no depósito que tínhamos, e todos da casa ajudavam a guardar as sementes. Era uma festa, todo mundo ficava junto. Era outra coisa, diferente de hoje” Cileide Silva